

A EPOCHA

REVISTA DA QUINZENA

Fantasiæ, Romances, Lettras, Theatros, Bellas-artes.

Escriptorio da Redacção — Rua da Quitanda N. 47.

ASSIGNATURA

Côrte, 12\$000 o anno; 6\$000 o semestre, 3\$000 o trimestre, e 500 réis o numero avulso.

Para fóra da côrte, mais 500 réis por trimestre.

AVISO

As pessoas do interior e provincias que nos quizerem honrar com suas assignaturas, terão a bondade de remetter-nos a importancia pelo correio, em carta registrada com o valor declarado.

ANNUNCIOS

Livraria Garnier, rua do Ouvidor 65

FORMATO IN-FOLIO:

Oeuvres de Rabelais.

Texte revu et collectionné sur les éditions originales, accompagné d'une vie de l'auteur, de notes et d'un glossaire 60 GRANDES COMPOSITIONS; ET NOMBREUX DESSINS par GUSTAVE DORÉ. 2 Beaux volumes riche reliure.

Les Peintres de la Beauté.

Album composé de 50 planches gravées sur acier d'après les tableaux de TITIEN — P. VÉRONÈSE — TINTORET — CORRÈGE — GUIDE — RUBENS, et des maîtres les plus célèbres. 1 Volume grand in-folio relié richement.

Cervantes Saavedra.

L'ingénieux don Quichotte de la Manche, traduction française de L. VIARDOT, édition de grand luxe, 2 volumes contenant 370 dessins par GUSTAVE DORÉ.

Dante Alighieri.

L'Enfer, 1 magnifique volume, contenant le texte italien, la traduction française de P. A. FIORENTINO et 76 grandes compositions de GUSTAVE DORÉ.

Le Purgatoire et le Paradis, 1 magnifique volume illustré de 60 grandes compositions de G. DORÉ.

La Sainte Bible.

d'après la vulgate; traduction nouvelle par M. M. BOURASSÉ ET JANVIER, chanoines de l'église métropolitaine de Tours, 2 beaux volumes illustrés de 230 grandes compositions par GUSTAVE DORÉ, ornementation du texte par H. GIACOMELLI.

Fables de Lafontaine.

1 Beau volume illustré de 80 grandes compositions et 250 dessins par GUSTAVE DORÉ.

Humbert (Aimé).

Le Japon illustré, 2 magnifiques volumes contenant 500 gravures d'après Humbert par BOYARD NEVILLE etc.

Rousselet.

L'Inde des Rajahs. Voyage dans l'Inde Centrale et dans les présidences de Bombay et du Bengale, 1 beau volume, contenant 317 gravures et 5 cartes.

L'Evangile.

Etudes iconographiques et archéologiques par Cu. ROUAULT DE FLEURY 2 splendides volumes imprimés avec luxe, ornés de 100 gravures sur acier et nombreuses vignettes dans le texte.

Marény (Paul).

Voyage à travers l'Amérique du Sud de l'océan Pacifique à l'océan Atlantique, 2 beaux volumes illustrés de 400 gravures et de 20 cartes d'après les dessins de l'auteur.

Wey.

Rome, description et souvenirs, 1 beau volume illustré de 358 gravures et d'un plan de Rome.

Davilliers (Baron Ch.)

L'Espagne, 1 magnifique volume illustré de 309 dessins par GUSTAVE DORÉ.

Les Sanctuaires de Rome

par Mgr. LUQUET, évêque d'Hesbaye, 1 magnifique volume, grand in-folio, accompagné de 29 grandes compositions et d'un portrait de Sa Sainteté Pie IX.

LIVRARIA GARNIER, Rua do Ouvidor 65.



Summario:

O SAINETE	<i>Manasses</i>
CHRONICA DA QUINZENA	<i>Fanfulla</i>
A CONFISSÃO DE UMA ELEGANTE	<i>Pierrot</i>
ARTES, SCIENCIAS E LETTRAS	
CORREIO DO RIO	<i>Dom Raymundo</i>
CORRESPONDENCIA DA EPOCHA	<i>Ninguem</i>
CHRONICA FLUMINENSE	<i>Giroflé-Giroflá</i>
BIBLIOTHECA DA EPOCHA	
DIVERSOS — O EVANGELHO NAS SELVAS	<i>A. Cadmus</i>
MISCELLANEA	
POESIAS :	
SONETO, DAS HERZ, <i>Neuman</i> ; SAUDADE, <i>J. Nabuco</i> .	
THEATROS E CONCERTOS	<i>Swift</i>

A EPOCHA.

O SAINETE

Um dos problemas que mais preocupavam a rua do Ouvidor, entre as da Quitanda e Gonçalves Dias, das duas ás quatro horas da tarde, era a profunda e subita melancolia do Dr. Maciel. O Dr. Maciel tinha apenas vinte e cinco annos, edade em que geralmente se comprehende melhor o *Cantico dos Canticos* do que as *Lamentações de Jeremias*. Sua indole mesma era mais propensa ao riso dos frivulos do que ao pesadume dos philosophos. Pode-se afirmar que elle preferia um dueto da *Grã Duqueza* a um theorema geometrico, e os domingos do Prado Fluminense aos domingos da Escola da Gloria. Donde vinha pois a melancolia que tanto preocupava a rua do Ouvidor?

Pode o leitor coçar o nariz, á procura da explicacão; a leitora não precisa desse recurso para adivinhar que o Dr. Maciel ama, que uma « setta do deus alado » o ferio mesmo no centro do coração. O que a leitora não pôde adivinhar, sem que eu lh'o diga, é que o joven medico ama a viuva Seixas, cuja maravilhosa belleza levava ás si os olhos dos mais consummados pintalegretes. O Dr. Maciel gostava de a ver como todos os outros; amou-a desde certa noite e certo baile, em que ella, andando a passear pelo seu braço, perguntou-lhe de repente com a mais deliciosa languidez do mundo:

— Doutor, por que razão não quer honrar a minha casa? Estou visivel todas as quintas feiras para a turba-multa; os sabbados pertence aos amigos. Vá lá aos sabbados.

Maciel prometteu que iria no primeiro sabbado, e foi. Pulava-lhe o coração ao subir as escadas. A viuva estava só.

— Venho cedo, disse elle, logo depois dos primeiros comprimentos.

— Vem tarde de mais para a minha natural anciedade, respondeu ella sorrindo.

O que se passou na alma de Maciel excede a todas as conjecturas. Num só minuto pôde elle vér juntas todas as maravilhas da terra e do céo, — todas concentradas naquelle elegante e sumptuosa salla cuja dona, a Calypso daquelle Telemacho, tinha cravados nesse um par de olhos, não negros, não azues, não castanhos, mas dessa rara cor, que os homens attribuem á mais duradoura felicidade do coração, á esperança. Eram verdes, de um verde igual ao das folhas novas, e de uma expressão ora indolente, ora vivaz, — arma de dous gumes, — que ella sabia manejar como poucas.

E não obstante aquelle introito, o Dr. Maciel andava triste, abatido, desconsolado. A razão era que a viuva, depois de tão amaveis preliminares, não cuidou mais das condições em que seria celebrado um tratado conjugal. No fim de cinco ou seis sabbados, cujas horas eram polidamente bocejadas a duo, a viuva adoeceu semanalmente naquelle dia, e o joven

medico teve de contentar-se com a turba-multa das quintas feiras.

A quinta feira em que nos achamos é de Endenças. Não era dia proprio de recepção. Contudo, Maciel dirigio-se a Botafogo, afim de pôr em execução um projecto, que elle ingenuamente suppunha ser fructo do mais profundo machiavelismo, mas que eu, na minha fidelidade de historiador, devo confessar que não passava de verdadeira infantilidade. Notára elle os sentimentos religiosos da viuva; imaginou que, indo fazer-lhe naquelle dia a declaração verbal do seu amor, por meio de invocações pias, alcançaria facilmente o premio de seus trabalhos.

A viuva achava-se no toucador. Acabara de vestir-se; e de pé, calçando as luvas, em frente do espelho, sorria para si mesma, como satisfeita da *toilette*. Não ia passear, como se poderia suppor; ia visitar as egrejas. Queria alcançar por seducção a misericordia divina.

Era boa devota aquella senhora de vinte e seis annos, que frequentava as festas religiosas, comia peixe durante toda a quaresma, acreditava alguma cousa em Deus, pouco no diabo e nada no inferno. Não acreditando no inferno, não tinha onde metter o diabo; venceu a dificuldade, agazalhando-o no coração. O demo assim alojado fôra algum tempo o nosso melancolico Maciel. A religião da viuva era mais elegante que outra cousa. Quando ella se confessava era sempre com algum padre moço; em compensação só se tratava com medico velho. Nunca escondeu do medico o mais infimo defluxo, nem revellou ao padre o mais insignificante peccado.

— O Dr. Maciel? disse ella lendo o cartão que a creada lhe entregou. Não o posso receber; v... sahir. Espera,— continuou depois de relancear os olhos para o espelho; — manda-o entrar para aqui.

A ordem foi cumprida; alguns minutos depois fazia Maciel a sua entrada no toucador da viuva.

— Recebo-o no sanctuario, disse elle sorrindo logo que elle assomou á porta; prova de que o senhor pertence ao numero dos verdadeiros fieis.

— Oh! não é da minha fidelidade que eu duvido; é....

— E recebo-o de pé! Vou sahir; vou visitar as egrejas.

— Sei; conheço os seus sentimentos de verdadeira religião, — disse Maciel com a voz a tremer-lhe; — vim até com receio de não a encontrar. Mas vim; era preciso que viesse; neste dia, sobretudo.

A viuva recolhou a abasinha de um sorriso que indiscretamente ia trahindo o seu pensamento, e pergunhou friamente ao medico que horas eram.

— Quasi oito. Sua luva está calçada; falta só abotoal-a. E' o tempo necessario para lhe dizer, neste dia tão solemne, que eu sinto....

— Está abotoada. Quasi oito, não? Não ha tempo de sobra; é preciso ir a sete egrejas. Quer fazer o favor de acompanhar-me até o carro?

Maciel tinha espirito em quantidade suficiente para não perdel-o todo com a paixão. Calou-se; e

respondeu à viúva com um gesto de assentimento. Sahiram do toucador e desceram, ambos silenciosos. No trajecto planeou Maciel dizer-lhe uma só palavra, mas que contivesse todo o seu coração. Era difícil; o lacaio, que abrira a portinhola do *coupé*, ali estava como um emissário do seu má destino.

— Quer que o leve até a cidade? perguntou a viúva.

— Obrigado, respondeu Maciel.

O lacaio fechou a portinhola e correu a tomar o seu lugar; foi nesse rápido instante que o médico, inclinando o rosto, disse à viúva:

— Eulalia....

Os cavalos começaram a andar; o resto da phrase perdeu-se para a viúva e para nós.

Eulalia sorriu da familiaridade e perdoou-lh-a. Reclinou-se mollemente nos cochins do veículo e começou um monólogo que só acabou á porta de S. Francisco de Paula.

— Pobre rapaz! dizia ella consigo; ve-se que morre por mim. Não desgostei delle a princípio.... Mas tenho eu culpa de que seja um maricas? Agora sobretudo, com aquelle ar de mollesa e abatimento, é.... não é nada.... é uma alma de cera. Parece que vinha disposto a ser mais atrevido; mas a alma faltou-lhe com a voz, e ficou apenas com as boas intenções. Eulalia! Não foi mau este começo. Para um coração daquelles.... Mas qual! *c'est le genre ennuyeux!*

Esta é a glosa mais resumida que posso dar do monólogo da viúva. O *coupé* estacionou na praça da Constituição; Eulalia, seguida do lacaio, encaminhou-se para a egreja de S. Francisco de Paula. Alli, depositou a imagem de Maciel nas escadas, e atravessou o adro toda entregue ao dever religioso e aos cuidados de seu magnífico vestido preto. A visita foi curta; era preciso ir a sete egrejas, fazendo a pé todo o trajecto de uma para outra. A viúva saiu sem preocupar-se mais com o jovem médico, e dirigiu-se para a egreja da Cruz.

Na Cruz achamos uma personagem nova, ou antes duas, o dezmbarquador Araújo e sua sobrinha D. Fernanda Valladares, viúva de um deputado deste nome, que falecera um anno antes, não se sabe se da hepatite que os médicos lhe acharam, se de um discurso que proferiu na discussão do orçamento. As duas viúvas eram amigas; seguiram juntas na visitação das egrejas. Fernanda não tinha tantas acomodações com o céo, como a viúva Seixas; mas a sua piedade estava sujeita, como todas as cousas, às vicissitudes do coração. Em vista do que, logo que sahiram da ultima egreja, disse ella á amiga que no dia seguinte iria vel-a e pedir-lhe uma informação.

— Posso dar já, respondeu Eulalia. Vá embora, dezmbarquador; eu levo Fernanda no meu carro.

No carro, disse Fernanda:

— Preciso de uma informação importante. Sabes que estou um pouco apaixonada?

— Sim?

— É verdade. Eu disse um pouco, mas devia dizer muito. O Dr. Maciel....

— O Dr. Maciel? interrompeu vivamente Eulalia.

— Que pensas delle?

A viúva Seixas levantou os hombros e riu com um ar de tamanha piedade, que a amiga corou.

— Não te parece bonito? perguntou Fernanda.

— Não é feio.

— O que mais me seduz nelle é o seu ar triste, um certo abatimento que me faz crer que padece. Sabes de alguma cousa a seu respeito?

— Eu?

— Elle da-se muito contigo; tenho-o visto lá em tua casa. Sabes se haverá alguma paixão....

— Pode ser.

— Oh! conta-me tudo!

Eulalia não contou nada; disse que nada sabia. Concordou, entretanto, que o jovem médico, talvez andasse namorado, porque realmente não parecia gozar boa saúde. O amor, disse ella, era uma especie de plethora, o casamento uma sangria sacramental. Fernanda precisava sangrar-se do mesmo modo que Maciel.

— Sobretudo nada de remedios caseiros, concluiu ella; nada de olhares e suspiros, que são palliativos destinados menos a minorar que a entreter a doença. O melhor boticario é o padre.

Fernanda tirou a conversa deste terreno pharmaceutico e cirurgico para subil-a ás regiões do eterno azul. Sua voz era doce e comovida: o coração pulava-lhe com força; e Eulalia, ao ouvir os meritos que a amiga achava em Maciel, não pode reprimir esta observação:

— Não ha nada como ver as cousas com amor. Quem supporia nunca o Maciel que me estás pintando? Na minha opinião não passa de um bom rapaz; e ainda assim.... Mas um bom rapaz é alguma cousa neste mundo?

— Pode ser que eu me engane, Eulalia, replicou a viúva do deputado, mas creio que ha alli um alma nobre, elevada e pura. Supponhamos que não. Que importa? O coração empresta as qualidades que deseja.

A viúva Seixas não teve tempo de examinar a theoria de Fernanda. O carro chegara á rua de Santo Amaro, onde esta morava. Despediram-se; Eulalia seguiu para Botafogo.

— Parece que ama deveras, pensou Eulalia logo que ficou só. Coitada! Um moleirão!

Eram nove horas da noite quando a viúva Seixas entrou em casa. Duas criadas—camareiras,—foram com ella para o toucador, onde a bella viúva se despiu; dalli passou ao banho; enfiou depois um roupão e dirigiu-se para o quarto de dormir. Levaram-lhe uma taça de chocolate, que ella saboreou lentamente, tranquillamente, voluptuosamente; saboreou-a e saboreou-se tambem a si propria, contemplando, da poltrona em que estava, a sua bella imagem no espelho fronteiro. Exgotada a taça, recebeu de uma criada o seu livro de orações, e foi dalli a um oratorio, deante do qual com devoção se ajoelhou e resou. Voltando ao quarto, despiu-se, metteu-se no

leito, e pede-me que lhe cerre as cortinas; feito o que, murmurou alegremente:

— Ora o Maciel!

E dormiu.

A noite foi muito menos tranquilla para o nosso apaixonado Maciel, que, logo depois das palavras proferidas á portinhola do carro, ficara furioso contra si mesmo. Tinha razão em parte; a familiaridade do tratamento dado á viúva precisava de mais detida explicação. Não era, porém, a razão que lhe fazia ver claro; nesse exerciam maior ação os nervos que o cerebro.

Nem sempre «depois de uma noite procellosa, traz a manhã serena claridade.» A do dia seguinte foi tétrica. Maciel gastou-a toda na loja do Bernardo, a fumar em ambos os sentidos,—o natural e o figurado,—a olhar sem ver as damas que passavam, estranho á palavra dos amigos, aos boatos políticos, ás anedotas de occasião.

— Fechei a porta para sempre! dizia elle com amargura.

Pelas quatro horas da tarde, apareceu-lhe um alívio, debaixo da forma de um collega seu, que lhe propôz ir clinicar em Carangolla, donde recebera cartas muito animadoras. Maciel aceitou com ambas as mãos o oferecimento. Carangolla nunca entrara no itinerário de suas ambições; é até possível que naquelle momento elle não pudesse dizer a situação exacta da localidade. Mas aceitou Carangolla, como aceitaria a coroa de Inglaterra ou as perolas todas de Ceylão.

— Ha muito tempo, disse elle ao collega, que eu sentia necessidade de ir viver em Carangolla. Carangolla exerceu sempre em mim uma atração irresistivel. Não podes imaginar como eu, já na Academia, me sentia arrastado para Carangolla. Quando partimos?

— Não sei: dentro de tres semanas, talvez.

Maciel achou que era muito, e propôz o prazo maximo de oito dias. Não foi aceito; não teve remedio senão curvar-se ás tres semanas provaveis. Quando ficou só, respirou.

— Bem! disse elle, irei esquecer e ser esquecido.

No sabbado houve duas alleluias, uma na Christandade, outra em casa de Maciel, aonde chegou uma cartinha perfumada da viúva Seixas contendo estas simples palavras:— « Creio que hoje não terei a enxaqueca do costume; espero que venha tomar uma chácara de chá commigo.» A leitura desta carta produziu na alma do jovem medico uma *Gloria in excelsis Deo*. Era o seu perdão; era talvez mais do que isso. Maciel releu meia duzia de vezes aquellas poucas linhas; nem é fóra de propósito crer que chegou a beijal-as.

Ora, é de saber que na vespera, sexta-feira, ás onze horas da manhã, recebera Eulalia uma carta de Fernanda, e que ás duas horas foi a propria Fernanda á casa de Eulalia. A carta e a pessoa tratavam do mesmo assumpto com a expansão natural em situações daquellas. Tem-se visto muita vez guardar um segredo do coração; mas é rarissimo que, uma vez revellado,

deixe de o ser até á saciedade. Fernanda escreveu e disse tudo o que sentia; sua linguagem, apaixonada e viva, era um torrente de affecto, tão volumosa que chegou talvez a alagar,—a molhar pelo menos—o coração de Eulalia. Esta ouviu-a a principio com interesse, depois, com indifferença, afinal com irritação.

— Mas que queres tu que eu te faça? perguntou no fim de uma hora de confidencia.

— Nada, respondeu Fernanda. Uma só cousa: que me atimes.

— Ou te auxilie?

Fernanda respondeu com um aperto de mão tão significativo, que a viúva Seixas comprehendeu facilmente a impressão que lhe causara. No sabbado enviou a carta acima transcripta. Maciel recebeu-a como vimos, e á noite, á hora habitual, estava á porta de Eulalia. A viúva não estava só. Havia umas quatro senhoras e uns tres cavalheiros, visitas habituaes das quintas-feiras.

Maciel entrou na sala um pouco acanhado e comovido. Que expressão teria no rosto de Eulalia? Não tardou saber-o; a viúva recebeu-o com o seu melhor sorriso,— o menos faceiro e intencional, o mais espontâneo e sincero, um sorriso que Maciel, se fosse poeta, compararia a um iris de bonança, rimado com esperança ou bemaventurança. A noite correu deliciosa; um pouco de musica, muita conversa, muito espirito, um chá familiar, alguns olhares animadores, e um aperto de mão significativo no fim. Com estes elementos era difícil não ter os melhores sonhos do mundo. Teve-os Maciel, e o domingo da Resurreição também o foi para elle.

Na seguinte semana viram-se tres vezes. Eulalia parecia mudada; a solicitude e a graça com que lhe fallava estavam longe da tal ou qual frieza e indifferença dos ultimos tempos. Este novo aspecto da moça produziu os seus naturaes effeitos. Sentiu-se outro o jovem medico; reanimou-se, colleu confiança, fez-se homem.

A terceira vez que a viu nessa semana foi em uma *soirée*. Acabaram de valsar e dirigiram-se para o terraço da casa, donde se via um magnifico panorama, capaz de fazer poeta o mais soez espirito do mundo. Ali foi a declaração, inteira cabal, expressiva do que sentia o namorado; ouviu-lh'a Eulalia com os olhos embebidos nesse, visivelmente encantada com a palavra de Maciel.

— Poderei crer no que me diz? perguntou ella.

A resposta do jovem medico foi apertar-lhe muito a mão, e cravar nella uns olhos mais eloquentes que duas catilinarias. A situação estava definida, a aliança feita. Bem o percebeu Fernanda, quando os viu regressar á salla. Seu rosto cobriu-se de um véu de tristesa; dez minutos depois o dezembargador interrompia a partida de *whist* para acompanhar a sobrinha a Santo Amaro.

A leitora espera de certo vêr casados os dous namorados e espaçada a viagem a Carangolla até o fim do seculo. Quinze dias depois da declaracão iniciou Maciel os passos necessarios ao consorcio.

Não tem numero os corações que estalaram de inveja ao saber da preferencia da viuva Seixas. Esta pela sua parte sentia-se mais orgulhosa do que se despossasse c primeiro dos heroes da terra.

Donde veio este entusiasmo e que varinha magica operou tamanha mudança no coração de Eulalia? Leitora curiosa, a resposta está no titulo. Maciel pareceu ensosso, em quanto lhe faltou o sainete de outra paixão. A viuva descobrio-lhe os meritos com os olhos de Fernanda; e bastou vel-o preferido para que ella o preferisse. *Se me miras, me miran,* era a divisa de um celebre relogio do sol. Maciel podia invertel-a: *se me miran, me miras;* e mostraria conhecer o coração humano, — o femenino, pelo menos.

MANASSÉS

CHRONICA DA QUINZENA.

Mais quinze dias como estes e eu faço o mesmo milagre que o barão Louis: dou boas finanças ao paiz.

O que pedia aquelle estadista para obter semelhante resultado? Que lhe dessem, como materia prima, uma boa politica.

Foi o que tivemos durante a quinzena.

Crise ministerial por causa da carestia dos generos alimenticios! O governo ameaçado de morte por causa das altas contas do padeiro!!

Faz lembrar 1789....

Pão e cavallinhos, é o que pede o povo ha muito tempo. Mas o Sr. José Bento parece que só dava-lhe o circo Cazali, o que inquestionavelmente é pouco. Pelo menos é metade.

D'ahi o estremecimento politico que todos sentimos.

Entretanto, se o illustre ministro do imperio tem grandes folegos e resiste a tudo, não ha a menor duvida que foi uma generosa tentativa, uma excellente manobra essa que convergio para alijar o Sr. José Bento.

Chegou-se mesmo á ouvir o *Jornal do Commercio* bradar: -- ministro ao mar!

Mas o salva-vidas foi lançado á tempo, o ministro subio, e os generos alimenticios baixaram....

**

E que não podia succumbir assim tão sem cerimonia aquelle que lembrou-se de despachar o Sr. João Alfredo director da facultade do Recife, aquelle que lembrou-se de nomear o bispo de Olinda nosso plenipotenciario junto á Santa Sé.

Bellos e significativos despachos foram esses dous!

O ex-ministro do imperio estava talhado para dirigir e endireitar o direito.

Elle, que fez escolas e encheu-as de conferencias, que planejou universidades e fundou o conservatorio dramatico, devia, como amante da sciencia, receber das mãos do conselheiro Camaragibe a Jurisprudencia, pupilla mal vigiada por aquelle tutor.

Quanto zombou a endiabrada Rosina do velho Dr. Bartholo!...

Deve sem duvida tomar juizo agora nos braços de Almaviva.

Signor, giudicio per carità!...

**

A missão diplomatica confiada á D. Vital essa é inatacavel.

O bispo de Olinda é capuchinho. Logo missionario.

Porém se a concordata vier em latim?
Meditou sobre isso o Sr. José Bento?...

**

E não é este o unico sipoal por onde emaranhou-se o respeitavel estadista.

Os presidentes de província ahi estão, ou antes não estão ahi.

O ministro lembrou-se de um nome harmonioso, do Sr.*** (*sans dire le nom qu'il faut benir et taire...*) e seus collegas dissidentes entendem que a harmonia não é tão grande.... e que os christãos novos formam uma classe de judeos.

Lembra-se o Sr. José Bento de outro nome lyrico, e até pindarico, do Sr. *** (*tacendo il nome di questa gentilissima*), e seus collegas, que não foram dissidentes, acham que esses cavalheiros foram mouros relapsos e impenitentes.

E o Sr. José Bento anda do Sr. Diogo Velho para o Sr. Pereira Franco, do Sr. Thomaz Coelho para o Sr. Cotegipe....

Se ainda o nobre duque de Caxias tivesse uma opinião conhecida.... Mas o invicto duque não desce a essas bagatellas.

**

O resultado é que vamos vivendo sem os presidentes novos, o que seria uma felicidade.... se não tivessemos os presidentes velhos.

Por causa dessas vacilações é que intimaram ao gabinete que *fixe a sorte da pasta do imperio*.

Fixar o pendulo? Prender o imponderavel?

**

E como uma politica que nada faz, não pôde ser uma ruim politica, adormeçamos tranquillos sobre a sorte do mundo.

Ainda que o não diga o ministro do imperio, já disse Galileo :

— *E pur se muove....*

FANFULLA.

A CONFISSÃO DE UMA ELEGANTE

(Dentro do confessionario, um capuchinho; confessando-se, uma jovem senhora de 25 annos, ligeiramente morena, muito elegante, com uma couraça de seda preta á ultima moda, que lhe aperta e desenha o corpo. Aberto na frente, o vestido deixa ver um collo admiravel. Essa mulher, vê-se bem, nunca jejuou, e o unico cilicio que conhece é o espartilho.)

— Diga os seus peccados... Ama á Deus sobre todas as cousas ?

— Sim, meu padre, eu creio; nunca faltou a missa, como peixe ás sextas-feiras....

— E na missa olha sempre para o altar?

— Sim, meu padre, a menos que entre alguem que chame a attenção e me distraia.

— Sabe se vão homens á missa para vê-la....

— Parece-me....

— Pois seria muito mau auimar essa profanação do Santo Sacrificio; é entrar no templo com os olhos baixos, ajoelhar-se, ler suas *Horas*, e sahir como entrou, indiferente á multidão. Ouvio, minha filha ?

— Sim, meu padre.

— Seu marido acompanha-a até a Igreja ?

— Não, meu padre; eu tenho a infelicidade de ser casada com um homem sem religião, um ateu....

— Minha filha, Deus lhe dará forças para convertê-lo, se for uma boa mulher.

— Convertê-lo, meu padre! nunca houve homem mais teimoso; para não vir á Igreja, elle deixa-me sahir só aos domingos; ainda é mais herege que ciumento, e....

— Bem, minha filha, é mister paciencia e resignação. O Evangelho diz: « por elle deixarás pai e mãe. »

— E eu deixei meu pai e minha mãe por elle.... mas elle é um homem mau....

— Porque, minha filha ?

— Porque tenho amigos que compromettem a minha reputação, e elle não os afasta de nossa casa; eu tenho lhe dito: « Eugenio, esse teu amigo faz-me a corte », e elle põe-se a rir e responde-me: « ingenua, se elle te fizesse a corte, tu não me dirias nada.... » e deixa-me cahir em tentação.

— Mas, minha filha, a mulher honesta não precisa da protecção do marido para não succumbir á sedução; tudo o que esses homens dizem, são palavras e só palavras. Basta não ouvir-as, porque desde que elles reconhecerem que não têm écho, hão de calar-se. Continue sua confissão, minha filha....

— Meu padre, tenho jurado pelo nome de Deus em vão....

— É muito mau abusar do nome do Senhor, não tome o habito de jurar; quem jura em vão, jura falso... que mais?

— Furtei no outro dia um retrato do album de uma de minhas amigas....

— O furto é um peccado feio.... mas de quem era esse retrato ?

— Era do amante de minha amiga, de um dos amantes, porque, segundo se diz, ella tem muitos.... tem um album !

— Minha filha, no confessionario não se vem fallar mal da vida alheia; todos somos peccadores, isso pôde ser uma calunia, é preciso não desacreditar o proximo.

— Mas meu padre, é minha amiga intima.... todos sabem que eu não fallo della por mal.

— Pois bem, é preciso destruir esse retrato.

— Eu já o cortei em pedaços...

— E' preciso sumil-os...

— Sim, meu padre, que ninguem o veja mais... (abre de repente o medalhão para ver se o retrato ainda está nello.)

— Continue, minha filha, na ordem em que fez o seu exame de consciencia.

— Sou muito preguiçosa; passo a manhã até o meio-dia na cama, e custa-me dar um passo...

— A preguiça é um peccado; a mulher deve ser diligente.

— Tambem meu padre, dizem que eu sou muito altiva....

— O orgulho não assenta na mulher....

— E muito vaidosa; isto é verdade... eu me admiro á mim mesma, meu padre.

— Não tem de que minha, filha.

— É a primeira vez que se me diz isso.

— E' a linguagem do sacerdote, não do mundo.... A mulher é um pouco de barro.... amanhã o seu corpo que parece bello, será um esqueleto.

— Ah! eu sou uma desgraçada !

— Vamos, minha filha, continue.

— Nas casas, em que eu estou, não se falla em outra cousa senão na vida alheia; eu tambem acompanho a meledicencia geral, sei a chronica de todo o mundo.

— Minha filha, a meledicencia é um vicio grosseiro.... a mulher deve abster-se de notar os erros dos mais. Que outros peccados tem commettido ?

— Meu padre, eu cobiço muito as cousas alheias, sobretudo os diamantes.... Quando vejo uma bella joia fico deslumbrada, e tenho vontade de furtá-la... E os cavallos! Eu tenho uma visinha que tem uma parelha de cavallos inglezes, e meu marido que ainda não me deu senão umas bestas.... É uma vergonha, e fui eu que levei o dote.

— E' preciso contentar-se com o que tem, minha filha. Ha muita gente que não tem bestas, e que é obrigada á andar a pé.... Que mais ?

— Só, meu padre.

— Lembre-se bem, minha filha.... Não fez exame de consciencia ?

— Fiz, meu padre.... Ah! eu tenho ainda um peccado muito feio... não sei se devo conta-lo.

— No confessionario deve-se dizer tudo o que se sente. Diga, minha filha, olhe que Deus está lendo no seu pensamento... que peccado é esse ?

— A gula; eu sou muita gulosa!

— A gula! então come de mais?

— Não, mas gosto de comer bem... muito bem; esperdiço as minhas economias na cozinha.

— Minha filha, é preciso contentar-se com o pão quotidiano que Deus nos dá.... O homem não vive para comer, come para viver.... De que mais se lembra?

— De nada... ah! sim, meu padre, eu leio muito os livros proibidos, livros que não se devem ler....

— Que livros, minha filha?

— Livros de amores celebres, historias galantes, chronicas do tempo de Luiz XIV, em que sou muito forte.... tenho lido tudo.

— E quem lhe dá estes livros?

— Meu marido.

— Seu marido mesmo?

— Sim, meu padre. Elle começa ler á noite, mas adormece logo, deixando a vela accesa; eu salto da cama em camisa...

— Minha filha, respeite o confessionario; essas pinturas não são para o claustro...

— Perdão, meu padre.... eu salto da cama, com os pés no chão, atiro-me no fundo do sofá, tomo o livro e ponho-me a ler até pela manhã...

— Mas esses livros não devem conciliar-lhe o sonno, ao contrario.... deixe essas leituras, minha filha; queime esses livros para salvar sua alma e a de seu marido.... De que mais se accusa?

— De nada mais, meu padre.

— Veja bem...

(Dois minutos de silencio; a penitente lembra-se; o confessor espera.)

— Nada mais, meu padre.

— Então, minha filha, arrependa-se dos seus peccados, seja melhor para seu marido, porque a mulher e o marido são uma e a mesma carne, e reze, como penitencia, dez Padre-Nossos e dez Ave-Marias. Vá, minha filha.... (absolve-a.) Ah! destrua aquelle retrato, não se esqueça.

A penitente levantou-se do confessionario e foi ajoelhar-se entre o povo á espera da Communhão. Depois de commungar, abaixou o véu e saiu da Igreja.... Na porta havia diversos rapazes, que se inclinaram diante della. Quando entrou no carro, abaixo do morro do Castello, teve Emilia uma idéa.

— Ah! meu Deus! tenho que voltar ao Castello.... tenho que confessar-me de novo; esqueci-me de dizer ao padre porque furtei este retrato do album de minha amiga.... tambem não posso lembrar-me de tudo....

— Deixe estar, dizia-lhe á tarde o original da photographia, esse peccado é meu....

A moralidade deste meu conto, é que Byron não foi senão um poeta, quando disse que o amor é um episodio na vida do homem, e é a vida toda da mulher.

PIERROT.

Tenho a honra de pedir ás moças solteiras que nunca foram ao theatro, que nunca leram romances, que não sabem a linguagem das flores, que ainda não passaram dos trinta annos; e ás casadas que ainda não conhecem a chronica alheia, e vivem na ignorância de Chloé, que não leiam os meus artigos. As directoras de collegio sobretudo devem impedir que as meninas travem conhecimento com um escriptor que só responde pelo que escreve, e não pelas intenções que a maldicia, não das mulheres, lhe empresta. Cada pessoa inocente se contentará com ler o que eu escrevo; as que porém poderiam ensinar-me alguma cousa do tudo que sabem, em vez de lerem as linhas que são minhas, lèem os claros que são dos typographos; é muita honra para mim atribuirem-me esses senhores todo o seu espirito. Em summa, fica entendido que eu só escrevo para os homens que se aborrecem, e para as mulheres que comprehendem o que Eva deve ter sentido antes de comer o fructo da arvore da vida. Pierrot é o fructo prohibido da *Epocha*, ou da epocha, como dizia a um amigo meu uma senhora que já completou a sua educação.

Pie....

ARTES, SCIENCIAS, E LETRAS

O Sr. Emile Blanchard conclue por estas paixivas um interessante artigo, inserto na *Revue des Deux Mondes*, de 15 de Outubro, sobre os costumes das formigas: « Nós recordámos que os formigueiros apresentam analogias com as sociedades humanas. A comparação é interessante: ella é scientifica, porque acha-se aí a prova de que não sómente os phenomenos da vida animal, mas ainda os phenomenos da ordem intellectual, têm um caracter de generalidade; se elles differem prodigiosamente, é pelo grão de perfeição. Reconhecendo nas formigas animaes dotados de discernimento e de uma especie de razão, é preciso, não obstante, acautelar-se contra apreciações demasiado favoraveis. As formigas são habeis architectos que não sahem de uma especialidade, criadeiras perfeitas, guerreiras valentes e astutas, entendem a economia domestica, um pouco a politica; mas nada mais. »

Entre os livros a que se refere o Sr. Blanchard, acha-se o que escreveu Mr. Walter Bates sobre o Amazonas, onde elle viveu doze annos, e que se intitula *The Naturalist on the river Amazonas*. Esperemos que o Sr. Schuch de Capanema, ainda mais conhecido por sua guerra contra as *sauívas* do que por seus telegraphos, contribúa tambem com algumas observações sobre os costumes guerreiros, as campanhas, a architectura, os sentimentos da familia e de *humanidade* desses intelligentes insectos, de que se declarou inimigo irreconciliável, para o progresso desse ramo interessante, e hoje tão cultivado, da *Historia natural*.

No mesmo numero da *Revue des Deux Mondes* ha um artigo muito desfavoravel ao Brazil. Delle traduzimos, sómente como documento, a seguinte narração da primeira entrevista que o general Mitre teve a honra de ter com o Imperador: « Segundo as regras do ceremonial, uma conversação era de rigor entre o imperador e o enviado argentino. O general Mitre saudou D. Pedro II, dizendo-lhe quanto era elle feliz por tornar a vêr, no meio da paz gloriosamente conquistada, um companheiro de armas, depois de oito annos de ausencia, e depois de tê-lo visto pela ultima vez sob sua tenda no campo de batalha de Uruguayan na tarde de uma victoria ganha em commun, que tinha livrado do inimigo uma cidade brasileira. Trocadas estas lembranças, e feita a apresentação do pessoal da

legação, o imperador perguntou ao general se elle tinha notícias frescas do Prata, e se não sabia de uma recente invasão dos indios. Surpreendido da estranheza da pergunta, o general Mitre respondeu que o facto era verdadeiro, que era essa uma das chagas dos paizes muito vastos e pouco povoados, e que os Estados Unidos mesmos, apesar de ricos e poderosos, ainda não estavam livres della; mas que a ultima mala tinha trazido uma noticia de um interesse mais elevado, que era a inauguração do telegrapho transandino que unia o Pacifico ao Atlântico. O imperador não quiz ficar nessa resposta, e perguntou de novo, o que podia parecer uma ironia, em que pé se achavam os trabalhos do caminho de ferro transandino, que na realidade não é ha dez annos, e não será muito tempo ainda, senão um projecto. A conversação, depois de uma replica sem interesse, parou ahí; ella era característica para os espíritos menos prevenidos, e não se podia atribuir á distração em circunstancias tão graves; ella era mais estranha ainda, dando-se as relações anteriores do imperador com o general Mitre; ambos, com effeito, como chefes de estados aliados, tinham começado juntos em Uruguaiuna uma guerra que o general Mitre continuava em seguida como generalíssimo dos exercitos brasileiro e argentino, levando-os ambos a uma victoria comprada muito caro; a situação do imperador, monarca constitucional, impedia-o, é certo, de manifestar a sua opinião sobre os incidentes que levavam o general Mitre ao Rio, mas o dever que seu titulo lhe impunha, não ia até esquecer esses precedentes, nem até uma indifferença tão clara para a pessoa do seu interlocutor. »

Já pela publicação das notas reservadas do general Mitre, feita contra a vontade deste pelo seu governo, — a diplomacia argentina é assim, — tivemos conhecimento dessa entrevista. E' possível que o imperador tenha tratado com frieza o enviado argentino, mas ninguém pôde ter a pretenção de exigir de um soberano que seja expansivo; basta-lhe ser correcto. Por outro lado o general Mitre, a ser exacta essa versão, quiz pôr-se em um pé de igualdade com o imperador, supondo-se ainda presidente da Republica e generalíssimo. Quanto às insinuações que se atribuem ao chefe do Estado, só uma prevenção muito forte poderia descobrir-as em perguntas, que só revelavam um certo interesse pelo desenvolvimento da Confederação Argentina. Em todo caso, não foi o general Mitre que levou os nossos exercitos à victoria. A *Revue des Deux Mondes*, que se está tornando sensivelmente argentina, devia confiar a redacção de seus artigos á escritores menos prevenidos do que o Sr. Emile Daireaux, que acredita que o correio brasileiro reteve os despachos expedidos pelo Sr. Tejedor e pelo Sr. Soza, que nós queremos a guerra « como remedio á crise escravagista. » E' verdade que elie nos assegura, ainda que para lamental-o, que « o estabelecimento de uma grande república dos Estados Unidos da America do Sul, (composta das raças que povoaem este hemisphério desde o Equador ate o cabo Horn), é um sonho cuja realisaçao se afasta. » Ainda bem.

A nossa diplomacia tem commetido bastantes faltas no Rio da Prata, para não ser preciso a quem a censura, atacar o paiz, e fallar « das nossas ambições e da nossa cobiça. » Não seria máo, porém, que nós tivessemos na alta imprensa europea meios de desfazer a impressão que artigos semelhantes hão de forçosamente produzir; seria curioso talvez estudar a razão pela qual a *Revue des Deux Mondes* tornou-se-nos tão hostil.

Morreu na idade de 76 annos Mrs. Black, tipo da *Maid of Athens*, de Lord Byron.

M. Brunet de Presle, um dos mais fortes helenistas da Academia das Inscrições e Bellas-Letras, acaba de morrer; sua obra principal, e classica, fica sendo o *Ensaio sobre os estabelecimentos gregos na Sicilia*.

A nova comedia de Alexandre Dumas, *L'Etrangère*, está em ensaios no « Theatro Francez. » Esperamos que tenha o exito de *Monsieur Alphonse*, já representado em todos os theatros do mundo, menos nos do Rio de Janeiro.

No ultimo numero da *Revue et Gazette Musicale*, o Sr. Gounod imprimiu um prefacio á sua nova opera *George Dandin*. O Sr. Gounod em vez de tomar um *libretto* ordinario em verso, poe em musica a prosa de Molière. « A variedade indefinita de periodos na prosa abre um novo horizonte diante do musicista, que o livra da monotonia e da

uniformidade. » Como se vê, essa opera deve ser extremamente curiosa; teremos no theatro a musica de oratorio.

O Sr. Rossi, que rompeu o contracto com um emprezario americano, pagando-lhe 40,000 francos, representará este inverno todo em Paris. O Sr. Francisque Sareey faz os maiores elogios á interpretação de *Hamlet*, é verdade que o illustre critico acrecenta não compreender bem o italiano. A imprensa é unanime em admirar o talento do notável artista, sobretudo em *Othello*. Espera-se o *Rei Lear*, e depois *Ruy Blas*.

O Sr. Taine leu o primeiro volume de seu livro *La Révolution* na Universidade de Genebra. A obra deve aparecer no mez de Dezembro.

O Sr. E. Renan está em Ischia, onde trabalha em um romance.

Communicam-nos dous numeros do *Evening-Post*, de New-York, em que se encontra uma correspondencia sobre o Rio de Janeiro, escripta por uma pessoa verdadeiramente encantada desta cidade, até de nossa architectura, e do paiz em geral, que chama *land of the future; a land of hope, and promise*. Os artigos estão assignados pelas iniciais M. E. V., que parecem occultar o nome de uma interessante senhora.

Foi publicado em Paris um *Diccionario biographico americano* pelo Sr. Cortez, do Chili. Uma rapida vista lançada sobre essa curiosa obra, só nos deixa dizer, que nenhum pensamento poderia ser mais sympathetic aos povos da America do que esse, de reunir em um mesmo livro os nomes dos homens mais notaveis deste continente, que deve ser para todos os que nela nasceram uma patria commun. As informações, porém, sobretudo litterarias que o Sr. Cortez teve do Brazil, são muito deficientes. E' de esperar que na proxima edição algum eruditio brasileiro, aceitando o convite do Sr. Cortez, habilite-o a completar essa parte de seu livro.

CORREIO DO RIO

Que a loteria é uma causa immoral, nego; que ella offende, porém, principios elementares da arithmetica, isso affirmo, e passo a provar.

Eu era o possuidor cheio de esperanças de um bilhete n. 5771. Pois bem, no dia fatidico o Sr. Saturnino manda tocar a roda: o meu bilhete sahe branco de neve, enquanto que o n. 1775 tira os vinte contos.

Agora, pergunto-lhes: haveria, no meu caso, alguém capaz de fazer uma reclamação á bem da verdade das mathematicas sustentando que a *ordem dos factores não altera o producto?*

Quanto a mim, passada a primeira emoção, e com a dose de philosophia que me distingue, achei até muito natural que neste mundo, em que tudo anda ás avessas, tambem o meu bilhete tirasse a sorte grande.... ás avessas.



Dizem que a loteria é immoral por ser um jogo de sorte. Ora, é nisso exactamente que está a sua moralidade. A razão é simples: nos jogos de sorte, as probabilidades podem ser (notem que eu não digo — são) iguais para todos; nos outros, porém, quem tiver mais sciencia e arte ha de necessariamente ganhar no fim de contas. Eu mesmo, por exemplo, que conheço os

mais intimos segredes do voltarete, se por acaso tiver o imprudente maço de jogar todas as noites esse jogo familiar e inocente com parceiros um pouco (basta um pouco) mais fortes do que eu, fatalmente terei que registrar no fim do anno a perda de tudo quanto posso — o que felizmente é pouco, e até de tudo quanto desejaria possuir — o que infelizmente é muito.

Declaro que tenho o maior medo dos jogos carteados e innocentes, sobretudo do *écarté*, tão affeiçoados por essa especie de cavalheiros que nunca passam a commendadores — os *cavalheiros de industria*.

**

Entre parenthesis: não me dirão a razão pela qual chamamos *casas da fortuna*, essas em que se compra tão caro a desgraça (estilo de moralista)? É verdade que tambem dizemos *mulheres perdidas*, quando fallamos dessas, que são encontradas impreterivelmente todas as noites no Alcazar ou no Cassino.

**

Decididamente as cousas não estão em seus eixos.

Ha pouco tempo deu o Cassino uma representação em *beneficio* das obras de uma igreja de S. Christovão, isto é, em beneficio do culto religioso, quando até hoje, elle e o Alcazar só têm dado representações em *prejuízo* da moral. Isto seria um pouco indecente, senão fosse ridículo. Nas minhas mais ousadas conjecturas, nunca imaginei a seguinte hypothese: ir ouvir a *Belle-Hellène ou a Reine Indigo* para cumprir um acto religioso. Quero crer que as cançonetas mais livres deviam nessa noite soar aos ouvidos dos espectadores (eu ia dizendo — dos fieis), como os sons graves do Canto Gregoriano, ou pelo menos, como as harmonias do *Côro da Caridade* de Meyerbeer; quanto ao *cancan*, os seus movimentos desenfreados deviam ter para elles alguma causa da solemnidade de uma procissão.

Enfim, como a receita da representação foi grande, ninguem poderá arrepender-se de haverem invocado a caridade das Magdalenas.... não arredondadas. Demais, é sabido que o fim justifica os meios.

**

Esta theoria, seja dito de passagem, é muitissimo commoda, e serve para tudo neste mundo.

Eu tenho, é uma hypothese gratuita, um credor importuno, e que leva a falta de delicadeza a ponto de não querer morrer, (a sciencia moderna tem observado que os credores não morrem nunca, por isso não sei como a *gyria academica* lhes deu o nome de *cadavers*). Eu apresso-me evidentemente em mandal-o enforcar, e se a justiça publica me leva aos tribunaes, eu me defendo do seguinte modo:

« Srs. jurados. — Não commetti um crime, praticuei um acto de humanidade. O defunto, meu pobre amigo, era um desgraçado; a mulher o enganava,

e os devedores não lhe pagavam. A' vista disso, matei-o para arrancal-o do inferno em que elle vivia, e eu que lhe era devedor de muita amisade, sou hoje credor de suas benções eternas. »

**

Quem não é credor de benções eternas é o governo turco.

Todos sabem que a Sublime Porta suspendeu o pagamento dos seus mil emprestimos, contrahidos em Londres, e com uma imperturbabilidade que ficará sendo o modelo e o desespero de todos os bancarroteiros do Occidente. O que, porem, nem todos sabem é que por occasião da secularização dos bens ecclesiasticos na Italia, as ordens religiosas converteram em fundos turcos todo o dinheiro da indemnisação que o governo italiano lhes pagára. Que os inglezes tivessem commetido sommas fabulosas à probidade turca, isso ainda se comprehende; o que porem, é incomprehensivel, é que religiosos catholicos tivessem tido tanta confiança nos hereges; quem diria que o dinheiro dos conventos, dinheiro quasi sagrado, estava destinado a ser um dia dissipado nos serralhos do Oriente, e a satisfazer os caprichos das filhas da Circassia ou da Abyssinia. Reclinado em macios coxins, e seguindo com olhar indolente a fumaça azul d'un *chibouk*, quantas vezes não terá dito o sultão, com um pequeno sorriso de ironia: Santos homens! trabalharam e esmolaram durante tantos seculos para o Grão-Turco!

DOM RAYMUNDO.

O *Apostolo*, em um editorial *ad Boootios*, mimoseou um dos nossos collaboradores com algumas phrases, escriptas naquelle seu estylo tão repassado de candura evangelica. Desta vez, como sempre, o orgão apostolico não fez mais do que tocar uma fantasia sobre o bello thema que resume todo o seu repertorio e que se traduz do seguinte modo: Deus ha de conceder na vida eterna vantagens consideraveis aos que, na terra, tomarem uma assignatura do *Apostolo*. Ou em outras palavras: Bem aventurados os pobres de espirito, porque delles é o reino dos céos!

DOM RAY....

Correspondencia da « Epocha »

Gabinete do Ministro do Imperio

Srs. Redactores da *Epocha*,

Logo no primeiro numero do periodico que os senhores redigem vem inserta uma carta ao Sr. Ministro do Imperio, á qual devo oppôr uma curta resposta, na minha qualidade de confessor, official de gabinete e

capellão ordinario de S. Ex. Pesa-me dizer-lhes, Srs. redactores, que a sua imprensa começou mal, cobrindo de ironia o mais elevado representante de uma classe infeliz, mas não numerosa, segundo a recente estatística do Sr. Campos de Medeiros, suprimindo-lhe os mais nomes que os senhores encontrarão no Almanach.

Os senhores tem razão em acreditar no tacto parlamentar do Sr. Ministro do Imperio, mas erraram explicando por uma refinado d'essa astucia o silencio guardado pelo Sr. Conselheiro José Bento durante a sua vida publica. A razão d'esse mutismo eu vou explicar, e os senhores verão que o Sr. Ministro do Imperio não é a raposa de nossas camaras, mas simplesmente vítima de uma enfermidade digna dos respeitos de uma imprensa civilizada. Antes, porém, permittam-me que eu lhes refira como S. Ex. foi ministro.

Imaginem que S. Ex. estava em casa, à fresca, deitado em uma rede de penas, presente de seu filho José, que hoje dorme em uma outra na Secretaria da Justiça, mas essa inferior, quando anunciaram o Duque de Caxias. Ao interpretar eu esse nome, o Sr. Conselheiro desmaiou, mas logo voltou a si. O Sr. Duque entrou, e eu fui encarregado pelo Sr. Senador de dizer-lhe que era essa a maior hora que já tinha recebido a casa dos Figueiredos.

O Sr. Duque inclinou-se e disse-me:

— Pergunte-lhe se quer ser Ministro do Imperio.

A principio hesitei, eu mesmo já estava bastante impressionado; o que seria do meu velho amigo penitente? era forçoso, porém, perguntar-lhe se aceitava a pasta. Quando exprimi essa idéa um sorriso livido passou-lhe pelos labios.... com um gesto frio elle explicou-me o seu pensamento, que traduzi assim:

— Quem sou eu para ser ministro? V. Ex. vem divertir-se com um velho amigo que lhe foi sempre tão dedicado; poupe-me esse calix de ironia, Sr. Duque.

O Sr. Duque tranquillisou-me e disse-me para repetir-lhe, com a sua bondade inalteravel:

— Não se quer um grande ministro, quer-se um ministro; se não fôr V. será outro, mas V. tem duas vantagens incontestaveis: conhece a instrução publica e é conhecido do clero. No mais, o Cotegipe encarrega-se de sua pasta. V. precisa de descanso com dignidade, *otium cum dignitate*, e é o Imperio, onde nada ha que fazer, o que lhe convém. Demais, ha um estabelecimento no seu ministerio que V. pôde organizar; sacrifique-se por seus infelizes irmãos, « desherdados da palavra. » Vamos, J. Bento, V. é o verdadeiro ministro constitucional; surdo, não ouvirá os discursos da camara, nem as contradições dos collegas, nem as importunações dos pretendentes; mudo, está superior ás interpellações, não promette nada, ao passo que toda a sua sensibilidade converge para os olhos, e hoje, depois das estatísticas do Sr. Campos de Medeiros, o Ministro do Imperio só precisa de uma boa vista. V. é o nosso homem. *The right man in the right place*, como diria um inglez.

E' inutil dizer-lhes que S. Ex. aceitou esse posto de combate. Logo ao descer a escada, encontramos

uns vinte deputados que vinham felicitar o novo ministro, e eu ouvia entre elles dialogos estranhos.

— Então quem é o Ministro do Imperio?

— É o José Bento.

— O José Bento.... ah, sim! mas quem é esse José Bento?

— O Cunha Figueiredo.

— Mas não se chama Camillo?

— Não, o pai, o senador, esse que vem ahi.

— Ah, o senador José Bento! conheço muito.... qual é?

Realmente ninguem conhecia o Sr. Ministro, mas no dia seguinte á sua nomeação, que popularidade! Os senhores parecem duvidar um pouco da dignidade humana, mas digam-me, ha mais edificante exemplo do que esse, vêr-se um homem, na vespera desconhecido, de repente rodeado de dedicações profundas só por que está no posto do perigo, « no pelourinho do poder? » E dizer que essas dedicações desaparecem e escondem-se de pudor, logo que o individuo é restituído á felicidade da familia, como aconteceu ao nosso Alfredo, que na prosperidade da vida privada não pôde já descobrir os que o cercavam durante as tribulações do governo! Hoje o Sr. Conselheiro José Bento é objecto de uma veneração espontânea, mas elle corresponde á essas provas publicas, humilhando-se como um servo de Deus. *Le pauvre homme!* Ninguem o verá nunca entrar no carro sem apertar a mão ao lacaio que lhe abre a portinhola, nem entrar na secretaria sem agradecer aos serventes as suas atenções. *Coitadinho!*

Os senhores analysaram severamente o discurso pronunciado pelo Sr. J. Bento na camara. Pura illusão do ouvido! S. Ex. exprimio-se, mas em uma linguagem que nem todos comprehendem. Depois de ter-lhe eu prestado os ultimos soccorros espirituales, e mesmo dado a extrema-uncção, elle transportou-se com o filho á camara.... onde se ouvio o seu eloquente discurso. Eloquente foi! Havia ahi nas galerias vinte a trinta individuos que choravam de entusiasmo, de orgulho, e de felicidade. Era o Instituto dos Surdos-Mudos, que assistia á victoria do seu decano. Ah, como a antiga dactylogria, esse modo de fallar com os dedos, ficava condemnada á vista dessa mimica poderosa, energica e lucida; como essa pantomima intelligente e expressiva impressionava, abalava o auditorio dos que não podiam nem ouvir nem fallar, e á cujo espirito a gesticulação animada do seu illustre collega expunha, ás vezes com uma subtileza de canonista, outras com uma eloquencia apaixonada, a politica da amnistia!

Esse foi o discurso que eu segui commovido, na minha qualidade de professor-fallante dos Surdos-Mudos. O que os senhores ouviram, essas palavras entrecortadas: « a Divina Providencia!... a Providencia Divina!... » era uma tradueçao pallida, que fazia da magnifica oração do Sr. Ministro do Imperio, um de seu filhos que é ventriloquo. Esse resumo ronquenho não dá uma idéa da torrente de eloquencia, que a mimica inspirada fazia transbordar d'aquelle espirito

superior. Tal esforço, porém, custou caro ao Sr. Ministro do Imperio.

Como surdo-mudo que é, o Sr. Conselheiro não comprehende o terço, ou segundo o melhor calculo, os dous oitavos. « Para que um terço, pergunta-me elle, dado á oposição? O que se conta são os votos! » o seu desprezo pela palavra é muito natural.

Durante a doença da reforma eleitoral, o ministro esteve incommunicavel. O medico assistente mesmo, que assignava os boletins diarios, não via o doente, entretanto dava noticias exactissimas do seu estado de saude. Parece impossivel, mas o illustre facultativo tomava o pulso do Sr. José Bento na arteria do Sr. Cotelipe. Admiravel organisaçao ministerial, o sangue bate as mesmas pulsacões em cada ministro! O medico ia ao senado e procurava o Sr. Cotelipe.

— Como vai a reforma eleitoral?

— Mal. O Zacharias provocou directamente o José Bento; é preciso que elle responda amanhã.

— Quem? elle? é impossivel, acabei de applicar-lhe umas ventosas sobre o pulmão direito. Pobre homem! está muito mal.

No dia seguinte nova ida ao senado e nova entrevista com o Sr. Cotelipe.

— Que noticias da reforma?

— Muito boas, parece que se encerra a discussão amanhã. Como vai o nosso doente?

— Está quasi bom, appliquei-lhe uma ligeira cataplasma; amanhã elle poderá vir ao senado. É pena que a discussão se encerre hoje.... elle queria proferir o seu grande discurso; é pena.

N'isso entra um official de gabinete:

— O Zacharias exige que o Ministro do Imperio falle; diz que vai protelar a discussão até que elle appareça.

— Pois bem; vou dizer-lhe que amanhã, não é, doutor?

— Amanhã, o José Bento? *coitadinho!* está em uma situação muito grave, appliquei-lhe hontem um caustico muito energico, mas tenho poucas esperanças.

— Mas, o senhor não me fallava de uma cataplasma ligeira?

— Ah, isso, foi no Inhomerim... que já vem alli.

Finalmente um dia o nobre Ministro do Imperio dirigia-se ao senado para gesticular o seu discurso, quando lhe deram na rua a noticia que a discussão tinha sido encerrada dous dias antes....

Não foi o receio de subir a tribuna do senado (para fallar uma linguagem elevada) que determinou a doença grave que S. Ex. sofreu; não, senhores; foi a anciadeade de exprimir a sua opinião. Já o Instituto dos Surdos-Mudos estava convocado, as ordens tinham sido dadas, o filho de S. Ex., ventriloquo, e que por motivo de uma dyspepsia tinha o estomago muito rouco e nada sonoro, estava em Friburgo preparando-se por um tratamento hydrotherapico severo para interpretar o discurso que o pai improvisasse, quando por um convenio tacito a discussão foi encerrada!

Eis a verdade. Quanto ao mais, só me resta di-

zer-lhes, Srs. redactores, que a politica da amnistia ha de ser levada ás ultimas consequencias. O Imperador, que perseguiu a Igreja, já foi à Canossa! A embaixada do bispo de Olinda à Roma, sua entrevista com o Papa, a segurança que elle deu á S. S. de que o governo está animado de boas intenções e convertido á religião do Estado, tudo isso proclama bem alto a nova politica romana. Nada de magistratura sacrilega! nada de imprensa impia! nada de maçons! A Constituição e o *Syllabus* não vão juntos; uma é de mais, e a lei humana tem de ceder lugar a lei divina. *Alleluia!* Isso deve encomendar muito os senhores, mas alegra-nos á nós. A nossa diplomacia vai regenerar-se: o bispo de Olinda lhe infundirá o espirito de graca. Os ministros-bispos, os secretarios-conegos, os addidos-seminaristas, farão a immigração affluir ao nosso paiz. Não ha duvida que uma nova era começo, *alleluia!* a viagem triumphal do bispo de Olinda *ad limina apostolorum* já a inaugurou diante da Europa, *alleluia, alleluia!*

Os Srs. prometteram revelar o estado da instrucção publica na corte: á sua ameaça, o Sr. Ministro do Imperio respondeu por um desses actos que firmam uma politica. O Sr. João Alfredo acha-se nomeado director do curso juridico de Pernambuco. O Sr. Camaragibe nomeou-o seu herdeiro e testamenteiro politico, e o Sr. Ministro do Imperio com uma superior abnegação reconheceu-o. Esse acto não se comenta.

Assim, Srs. redactores, eu espero que no seu proximo numero os senhores insiram a presente carta. Todavia devo accrescentar que até hoje não se sabe se S. Ex. é um verdadeiro surdo-mudo, ou se sofre de uma *aphasia* antiga, isto é, da perda da facultade da linguagem. As vezes acontece á S. Ex. pronunciar umas palavras, mas sem nexo, o que se dá com os *aphasicos*; se elles querem pão, diz um escriptor celebre, pedem as botinas e irritam-se quando as trazem.

Esse estado especial exige serios cuidados, mas é possivel ainda, segundo afirmam os medicos europeus, que elle readquira a facultade da linguagem, recomecando a sua educação desde o *abc*. Até a reunião das camaras com o grande intervallo que vai haver, é provavel que o Sr. Ministro já se ache na syntaxe.

Tenho a honra de apresentar-lhes os meus sentimentos dedicados, Srs. redactores. — O protonotario CAMELLO, confessor-official de gabinete-capellão ordinario do Ministro do Imperio.

Recebendo esta carta, demos conhecimento della ao nosso collaborador *Ninguem*, que nos respondeu:

« Meus caros colaboradores, se eu soubesse que o Sr. Ministro do Imperio era victima de uma enfermidade tão grave, não ter-me-hia referido ao seu silencio. Hoje que o sei, lamento a minha carta, mas aproveito-me da occasião para dizer ao honrado director dos Surdos-Mudos desta corte, o Sr. Tobias Rabello, que elle não tem razão quando affirma em seu

relatorio que «a agricultura é a profissão que mais convem ao surdo-mudo brasileiro.» Ha uma que lhe convem ainda mais, — a alta administração, sobretudo em tempo de ventriloquicia parlamentar, segundo o que nos conta o protonotario Camello.

Quanto á embaixada do Confessor Frei Vital, posso acrescentar que S. Ex. apresentou ao Papa tão sómente duas bases para a proxima concordata: a revogação da Constituição, que consagra o beneplacito e o padroado, e o aforamento perpetuo do governo ao partido ultramontano. É duvidoso que S. Ex. tenha fallado tambem de investir o Papa a S. M. Dom Carlos, rei *in-partibus*, do dominio util do Brasil, ficando o Imperador com o dominio directo, do qual irá gosar na Europa desde Março proximo.

NINGUEM.

Chronica Fluminense

Estou arrependido de ter assignado a minha primeira chronica: — GIROFLÉ-GIROFLA, (não digo por que), e mais arrependido de ter promettido uma chronica para todos os quinze dias. E' preciso que eu faça historia, sem factos; e que falle da sociedade fluminense, quando não a encontro em parte alguma. Onde está a sociedade fluminense? Quem a descobrir tem realmente uma lanterna melhor que a de Diogenes.

Nas outras cidades é diverso. Chega um estrangeiro á uma grande capital, toma um carro por volta das cinco horas da tarde, e vai ao lugar em que se reune a sociedade; se é na Italia, ao Corso; em Paris, ao Bois; em Londres, á Hyde Park. Nada mais; de um carro, ve-se desfilar a sociedade toda, e ainda que não se conheça ninguem, vê-se passar principes, duques, condessas, e até soberanos, sem nenhuma distinção. Imagine-se que se conhece todo o mundo: que prazer barato não é esse de encontrar uma, ou duas vezes por dia, como em Londres, toda a gente que se quer ver.

**

No Rio de Janeiro porém a primeira novidade, seria já um carro descoberto.... Se eu fosse passear ás cinco horas da tarde por Botafogo, em um carro de praça descoberto, é provavel que todas as pessoas que encontrasse supzessem que eu ia fazer o *tour du lac* até o Hospicio de Pedro II, e dissessem logo, as mais bem educadas: «isso é bom para a Europa!» e as entre as bem e as mal educadas: «que desfrutavel!»

**

Se os cocheiros não fizessem as rodas traçarem *zig-zags* caprichosos sobre os trilhos, e a municipalidade mandasse um pouco regar as ruas, é provavel que eu

me divertisse apezar do sentimento hostil de todas essas pessoas, sem duvida muito menos incommodo do que a poeira; mas com a poeira e os trilhos eu desespero de lutar com a opinião publica.... Na verdade, é muito melhor o *corso* de bond. Por um nickel vê-se todo o mundo á janella. O tempo de um olhar, nada mais, mas isso basta. Eu sou de opinião, que os olhares mais do que os pequenos presentes *entretiennent l'amitié*.

**

Na falta de *corso*, ando eu à procura da sociedade fluminense nos theatros. Tambem ahí não a encontro, e desta vez acho-lhe razão, não são todos que podem apreciar o theatro *nacional*; já é muito que nosfaçamos representar n'elle pelo Conservatorio Dramatico. Quando eu era menino, acontecia-me invejar muito tres ordens de individuos: os cocheiros, porque nunca os via á pé; os caixeiros de confeitoria, porque parecia-me que em tempo de calor podiam beber quantas cajuadas quizessem; e os jornalistas, porque supunha que tinham entrada em todos os theatros. Hoje se alguem me dissesse: «eu te faço millionario, nomeio-te embaixador em Paris, sob a condição de ires todas as noites ao theatro *nacional*», creio que não aceitava.

**

Ninguem pode suppor que eu não tenho pelo throno do meu paiz a mais profunda admiração, nem que acho no mundo uma posição superior á de Imperador do Brasil, mesmo constitucional; pois bem, aconteceu-me uma vez sonhar que era eu o imperador do Brasil (o que não quer dizer que eu fosse alguma vez republicano). Achava-me nessa qualidade na posse de um certo numero de vantagens, entre as quaes a de pertencer ao instituto que vem logo depois do nosso Historico, o Instituto de França, quando começaram a entrar as commissões.

**

— Senhor, dizia-me uma rapariga muito interessante, a Associação Protectora dos Animais quizera que V. M. e S. M. a Imperatriz (ahi vi que era casado, e quiz acordar) lhe fizessem a honra de suas augustas presenças no espectaculo que dão....

— Pois não, respondia eu.... o que dão?

— *Os Milagres de S. Antonio!*

**

— Senhor, dizia-me um militar, V. M. e S. M. a Imperatriz não deixarão de honrar o beneficio da Companhia *Garantia contra o alistamento*.

— Ha uma companhia que garante contra o alistamento? Isso me parece pouco verosimil.

— Sim, senhor. Essa companhia existe por lei; V. M. não quererá ser chamado, como Pompeu, «o violador de suas proprias leis.»

— Não, não, de certo..., mas quando houver uma guerra e nós chamarmos os voluntarios, a companhia garante tambem contra o voluntariado....

— Sobretudo Senhor, é com a guerra que contamos.

— Bem, se é assim.... O que dão?

— Um drama muito popular — *A mocidade do Rei Henrique.*

**

— Senhor, dizia-me um outro individuo. A *Associação Reparadora dos diplomatas naufragados no Rio da Prata* espera que V. M. e S. M. a Imperatriz honrem o beneficio que ella vai realizar com as Suas Augustas Presenças....

— Bem, sua associação é muito util.... O que dão?

— Uma peça muito original, *A filha de Belzebuth.*

**

Assim fallaram quarenta. Tinha eu que assistir à quarenta spectaculos desses; os fantasmas do *Remorso Viro*, de *Rocambole*, da *Baronesa de Cayapó*, de *Gasper Hauser*, do *Anjo da Meia noite*, dos *Apostolos do Mal*, e do *Crime de Faverne*, agitavam-se-me no cerebro.... Ao meu lado, o meu collega, o mikado japonez, animava-me: « Ohâihô! Magestade, dizia-me elle, tu és ainda muito feliz: no meu paiz os dramas duram oito dias seguidos começando com a manhã e só acabando com a noite. » Apezar do mikado, do Conservatorio Dramatico, da minha corte e dos emprezarios, tomei da pena e abdiquei.... e apezar de ter abdicado, ainda o pesadello não me deixou. Ser Imperador do Brasilera era uma bella posição (mal retrabuida, é verdade) mas os nossos theatros estragaram-n'a.

**

Não se deve porém ser tão injusto. Se não se encontra hoje a sociedade fluminense em parte alguma, temos todos a esperança de vel-a nos proximos bailes, que se annunciam. Em todos elles, as sete senhoras, que formam a constellaçao da belleza austral, uma especie de Cruzeiro cujas estrellas levantam-se, duas entre os dous *caminhos* e a praia de Botafogo, uma no Cattete, uma dos lados das Laranjeiras, duas por S. Christovão, e uma outra um pouco em toda a parte, essas sete senhoras devem se achar.

**

Qual dellas é a mais bonita? Não sei. Qual dellas me agrada mais? Nunca a mesma. Sabem porque? Não ha nada mais caprichoso do que uma mulher bonita, senão a belleza dessa mulher. Quando se ama é diverso: quanto mais feia está, quanto mais velha fica, « o objecto querido, » mais nós o achamos divino. É uma embriaguez como qualquer outra. Se porém se julga friamente, vê-se como é incerta e inconstante a belleza. A diferença começa porque entre nós, as senhoras deixam tudo ao acaso. Nos outros paizes, o

acasoo, o imprevisto desempenha um grande papel; neste nenhum. Em Londres, fique-se em uma esquina de *Regent Street*, vê-se logo passar uma aventura errante que atrahe a nossa aventura. No caminho de ferro, dous pés que se tociam, enquanto os olhos distraídos percorrem a mesma paizagem, sempre é um começo. Na saída dos theatros, no baile, nas igrejas, em toda a parte, ha o imprevisto. Aqui a pessoa que contar com o imprevisto, arrisca-se a vel-o apparecer sob fórmas tudo menos poeticas.

**

Digo isso de passagem, mas as senhoras deixam ao imprevisto o effeito de sua bellesa, e, como o imprevisto aqui só apparece no dia em que se organizam os ministerios, o Sr. J. Bento é a prova, a belleza fica muito diminuida com a falta de arte. Poucas são as senhoras que sabem tirar todo o partido de « seus encantos, » que conhecem o que o seu genero de belleza exige e reclama para brilhar ainda mais, e assim acontece que uma, que devêra ser sempre mais bella do que as outras, produz muitas vezes menor impressão.

**

Dentro de casa, pôde ser *delicioso* esse abandono; nos bailes porém é preciso que a arte se misture e ajude a natureza um pouco. No dia em que cada uma dessas sete senhoras souber porque é bella, nós saberemos em que ordem ellas o são. É isso o que eu espero. Emfim, até o baile; como eu espero que a *Epocha* torne-se uma verdadeira necessidade fluminense, sobretudo se as minhas leitoras a tomarem sob suas vistas tanto como o seu espelho, tenho tempo diante de mim para fazer o meu curso sobre — *A arte applicada ao realce da belleza.*

**

Desta vez não tenho noticias que dar. Uma ou outra senhora á comprar novellos e novellas na rua do Ouvidor, um rosto cada vez mais mysterioso no fundo de um *coupé*, eis tudo.

GIROFLÉ-GIROFLA.

BIBLIOTHECA DA « EPOCHA »

O SEGREDO DE JAVOTTE, por A. de Musset, traducção de Salvador de Mendonça; O CÉO E O INFERNO, traducção do original de Alan Kardec; O CARACTER, por S. Smiles, traducção de Valdez; PEDRO E CAMILLA, MIMI PINSON, por A. de Musset, traducção de Salva dorde Mendonça; DESCOBERTA DA TERRA, por Jules Verne, traducção de Fortunio. Todos estes livros têm por editor o Sr. B. L. Garnier. Dentre

elos não se lerão sem real proveito: O CARACTER e a DESCOBERTA DA TERRA; nem sem prazer os contos de Alfredo de Musset, MARTYRES DA VIDA INTIMA (photographias), por Pires de Almeida e o PEQUENO DICCIONARIO DOS NOMES PROPRIOS, de Luiz Francisco da Veiga, são dous livros nacionaes, cujo editor é ainda o incansável Sr. Garnier.

ANCHIETA OU O EVANGELHO NAS SELVAS, poema de Fagundes Varella, editor E. G. Possolo.

Todos os que viram finar-se o infeliz Varella, não lerão sem asombro o poema que o Sr. Possolo acaba de editar. Como essa inteligencia poderosa resistiu às desordens de todo o genero, aos excessos incríveis em que o poeta gastou a sua curta existencia? A verdade é que os versos não se resentem dos abalos physicos, que fizeram dos ultimos annos do poeta brazileiro uma generosa concessão da morte ao genio. Os versos têm a harmonia, a fluencia, a escolha de vocabulos, a simplicidade e a elevação dos *Cantos* e *Fantasias*. Alguma vez levado por imitação a exagerar o cynismo e a revoltante sensuallidade da *Noite na Taverna*, Varella, como Azevedo, teve a musa melancolica e poetica, e o fundo de sua inspiração revelou-se melhor quando, através de sua vida de bohemio, desapareceu-lhe da memoria a litteratura da escola, e elle ficou só consigo mesmo. O *Evangelho nas Selvas* é uma obra espontanea, em que se pôde reconhecer o talento puro, sem reflexo estranho, do infeliz autur do *Cantico do Calvario*. Nesse livro é preciso não buscar nem um verdadeiro poema, nem um perfil de Anchieta, nem uma traducção do Evangelho, nem a figura de Jesus; é preciso não pedir-lhe mais do que o poeta nos podia dar; quem não se contentará com essa onda de fresca e limpida poesia?

A. CADMUS.

A IRIDOTOMIA, pelo Dr. Hilario de Gouvêa. Esse opusculo, que parece ser uma interessante contribuição para a cirurgia ophtalmologica, contém um trabalho já publicado na *Revista Medica*.

MISCELLANEA

A imprensa da corte recebeu-nos do modo o mais lisongeiro. Exprimimos á todos os nossos collegas os nossos agradecimentos, mesmo ao *Diario do Rio* que esqueceu-se de noticiar a nossa apparição. As pessoas que conhecem a historia do nosso jornalismo, sabem bem que o *Diario* já tem tido tempo bastante para conhecer os deveres da imprensa periodica e que, se não os cumprio para comosco, foi sem duvida por esquecimento. A proposito d'esses deveres, convém-nos lembrar que no Rio de Janeiro, como nas grandes capitais, devia-se organizar um comité geral para representar e defender os interesses communs da imprensa periodica.

Parece que o *Times* na sua parte commercial não interpretou bem o pensamento do nosso amigo, o Sr. A. Wellington Drummond, actual encarregado de negocios da Inglaterra n'esta corte. As conclusões foram tiradas pelo proprio collaborador do *Times*, á vista talvez dos dados fornecidos pela legação ingleza, que seguramente não teve a má vontade, contra nós, de que parece animado o redactor inglez contra todos os que n'este momento precisam de recorrer á praça de Londres, a não serem os empreiteiros de caminhos de ferro da India.

Annuncia-se a apparição proxima de um novo periodico chamado o *Economista*, a cuja frente dizem estar os Srs. Ferreira Vianna e Salles Torres-Homem.

O reitor do Externato Pedro II, reune ás vezes alguns dos nossos homens de letras para assistirem á leitura de obras ineditas; a idéa d'essas reuniões parece ter partido do Imperador. Eis o que se conta da ultima: O Imperador tinha dito ao Reverendo Reitor que fizesse os convites para o dia 25; n'esse dia á hora do costume, com a sua punctualidade de monarcha, estava o Imperador no collegio de Pedro II, onde infelizmente ninguem o esperava; em compensação, no dia seguinte estavam todos os litteratos á postos, os manuscriptos sobre a meza, o copo d'agua com assucar sobre o pulpito do leitor.... e nada de chegar Sua Magestade. Não se fez a leitura. Se o Reitor enganou-se de dia, o Imperador podia bem esquecer-se.

No proximo numero da *Epocha* achar-so-há uma narração das festas que se annunciam para solemnizar o baptisado do Príncipe do Grão Pará.

POESIAS

SONETO

Estou deveras zangado, eu lhe dizia,
Em um canto da sala, no Cassino;
— Mas zangado porque? Eu perco o tino,
Por ventura não fiz o que pedia?...

— Onde a flor que lhe dei, e que trazia
Inda ha pouco no seio peregrino?
Deu-a ao par da quadrilha, ao tal menino
Que persegue-a incessante noite e dia.

— O Senhor é bem máo!... E fez um mômo,
Assentando-se apôs em uma cadeira.
— Eu guardei sua flor, quer saber como?

O recorte de gaze abrio ligeira,
Vi a flor convertida em niveo pomo....
E inda não senti coisa que mais queira (*)

(*) Camões

Das Herz.

Zwei Kammern hat das Herz

Drin wohnen

Die Freude und der Schmerz.

Wacht Freude in der einen

So schlummert

Der Schmerz still in der seinen.

O Freude, habe Acht

Sprich leise

Das nicht der Schmerz erwacht! (*)

HERMANN NEUMAN.

De um livro de versos franceses, intitulado *Amour et Dieu*, do nosso collaborador, o Sr. Joaquim Nabuco, transcrevemos a seguinte poesia:

SAUDADE

Com dor que tem prazer, saudade.
GARRET — Cambôes.

Vous m'avez prié de vous dire
Quelques phrases de mon pays,
De la langue où mon cœur soupire ;
Vous ordonnez, moi j'obéis,

Mais de ma langue je préfère
Ne vous en dire qu'un seul mot,
Suave comme une prière,
Ou déchirant comme un sanglot.

Il est dans chaque sérénade
Que vous entendez dans la nuit,
Apprenez-le, c'est saudade,
Ce triste et mélodieux bruit.

Que dit-il? Je ne sais moi-même
S'il exprime le vrai bonheur...
Ce son si court est un poème :
Il est le souvenir du cœur.

Il interprète la pensée
Qui nous accable tous les deux,
Mon soupir, la larme versée
En silence par vos yeux bleus.

Ne l'oubliez donc pas, madame,
Il dit mieux que votre «au revoir»
Ce que j'emporte dans mon âme :
Un regret, mais tout plein d'espoir !

Rome.

THEATROS E CONCERTOS.

No theatro Pedro II os Srs. D'Amico e Castiglione bateram-se em duello, dividindo os lucros do seu ridiculo embate. Havia pouca gente, mas como aconteceu acharmo-nos lá? Evidentemente nenhum de nós

foi para assistir ao espectáculo; fomos uns por causa dos outros. Sempre o pretexto. O que se não quer é ficar em casa, e por isso vai-se ao inferno com a esperança de ver alguém e de trocar algumas idéas. É verdade que depois da troca, todos quizeram ficar com as nossas mesmas. Eu, por exemplo, fui ver o magnetizador D'Amico e o pelotiqueiro Castiglione unicamente porque estava anunciado: o «spectáculo será honrado com as Augustas Presenças de SS. MM. II.»; não é que o camarote Imperial, apesar de todo o meu sentimento monarchico me pareça muito alegre, mas desde que suas Magestades vão aborrecer-se, é dever dos subditos ou dos cidadãos, conforme queiram, fazer o mesmo; e depois quem dirá que aborrecer-se em tão augusta companhia não tem alguma causa de divertido? Por fim quando se annuncia a presença do Imperador é de esperar que a corte se mostre, e eu ando a procura da corte. Quero vel-a uma vez, e depois morrer.

• • •

O beneficio de M.^{me} Bélia, e o de M.^{me} Rose Marie realizaram-se n'esta quinzena. A' proposito d'esta ultima, que idéa beneficiada de dizer-nos com M.^{me} Delorme *Le Passant* de Coppé. Pobre *Passant*! O peior é que estamos ameaçados de ter no Alcazar o *Caprice* de Alfredo de Musset. Evidentemente ha um *qui pro quo* entre a Sra. Delorme e Musset: elles não se conhecem, nem uma nem outro ligam o nome à pessoa. A Sra. Delorme pode cultivar o *cancan*, mas deixe a poesia e a comedia.

• • •

O theatro de S. Pedro na noite do beneficio de M.^{me} Rose Marie esteve muito concorrido: todas as mulheres emancipadas desta cidade lá estavam. É curioso observar que pequena concurrencia fazem n'este ponto as fluminenses às francesas; é altamente consolador para nós, que todavia talvez quizessemos uma outra imigração, ver que no paiz essa profissão está em decadencia. Nos camarotes raras famílias. É muito correcto que as senhoras casadas frequentem esse genero de divertimento, mas as moças solteiras! Provavelmente as que viram *Les Braconniers*, não terão vontade de ver *La Reine Indigo*, nem *Giroflé-Girofla*: eu sei que ellas não entendem tudo o que se diz, nem mesmo todos os gestos das actrizes, mas o facto de ficarem, serias quando em torno d'ellas as senhoras casadas e a platéa inteira riem-se em convulsões, deve parecer-lhes altamente significativo. Eu chamo para essa circunstancia a atenção de todas.

• • •

O Sr. Bordallo Pinheiro teve a bondade de me oferecer o seu lapis: offereça-me tambem o seu talento, que eu lhe aceito o lapis, sem me fazer de rogado.

SWIFT.

(*) Um dos nossos assignantes oferece uma assignatura de trimestre da *Epocha*, a quem traduzir esta pequena poesia, que um critico chama «uma perola de Cleopatra», em verso portuguez, conservando a simplicidade, e o perfume do original.